

## AO HOMEM SELVAGEM

### STROPHE 1.<sup>a</sup>

O' homem, que fizeste? tudo brada;  
Tua antiga grandeza  
De todo se elipsou; a paz dourada,  
A liberdade em ferro se vê presa,  
E a pálida tristeza  
Em teu rosto esparzida desfigura  
Do Deus, que te criou, a imagem pura.

### ANTISTROPHE 1.<sup>a</sup>

Na citara, que empunho, as mãos grosseiras  
Não pôs Cantor profano;  
Emprestou-m a Verdade, que as primeiras  
Canções n'ela entoara; e o vil Engano,  
O erro desumano,  
Sua face escondeu espavorido,  
Cuidando ser do mundo em fim banido.

### EPODE 1.<sup>a</sup>

Dos Céus desce brilhando  
A altiva Independência, a cujo lado  
Ergue a razão o ceptro sublimado;  
Eu a ouço ditando  
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,  
Tremei á vista do que ali se encerra.

### STROPHE 2.<sup>a</sup>

Que montão de cadeias vejo alçadas  
Com o nome brilhante  
De leis, ao bem dos homens consagradas!  
A Natureza simples e constante  
Com pena de diamante,  
Em breves regras escrevem no peito  
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

### ANTISTROPHE 2.<sup>a</sup>

O teu firme alicerce eu não pretendo,  
Sociedade santa,  
Indiscreto abalar: sobre o tremendo  
Altar do calvo Tempo, se levanta

Uma voz que me espanta,  
E aponta o denso véu da Antiguidade,  
Que á luz esconde a tua idade.

#### EPODE 2.<sup>a</sup>

Da dor o austero braço  
Sinto no aflito peito carregar-me,  
E as tremulas entranhas apertar-me.  
O' Céus! que imenso espaço  
Nos separa d'aqueles dores anos  
Da vida primitiva dos humanos!

#### STROPHE 3.<sup>a</sup>

Salve, dia feliz, que o loiro Apollo  
Risonho iluminava,  
Quando da natureza sobre o colo  
Sem temor a inocência repousava,  
E os ombros não curvava  
Do déspota ao aceno enfurecido,  
Que inda a terra não tinha conhecido.

#### ANTISTROPHE 3.<sup>a</sup>

Dos fervidos Etontes debruçado  
Nos ares se sustinha,  
E contra o Tempo de furor armado,  
Este dia alongar por gloria tinha,  
Quando nuvem mesquinha  
De desordens seus raios eclipsando,  
A Noite foi do Averno a frente alçando.

#### EPODE 3.<sup>a</sup>

Saiu do centro escuro  
Da Terra a desgrenhada Enfermidade;  
E os braços com que, unida a Crueldade,  
Se aperta em laço duro,  
Estendendo as campinas vai talando,  
E os míseros humanos lacerando.

#### STROPHE 4.<sup>a</sup>

Que augusta imagem de esplendor subido  
Ante mim se figura!  
Nu; mas de graça e de valor vestido  
O homem natural não teme a dura  
Fia a mão de Ventura:  
No rosto a liberdade traz pintada

De seus sérios prazeres rodeada.

ANTISTHOPHE 4.<sup>a</sup>

Desponta, cego Amor, as setas tuas:  
O pálido Ciúme,  
Filho da Ira, com as vozes suas  
N'um peito livre não acende o lume.  
Em vão bramindo espume,  
Que ele indo após a doce Natureza  
Da Fantasia os erros nada preza.

EPODE 4.<sup>a</sup>

Severo volteando  
As azas denegridas, não lhe pinta  
O nublado futuro em negra tinta  
De males mil o bando,  
Que, de espectros cingindo a vil figura,  
Do Sábio tornam a morada dura.

STROPHE 5.<sup>a</sup>

Eu vejo o mole sono sussurrando  
Dos olhos pendurar-se  
Do frouxo Caraíba que encostando  
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,  
O Sol vê levantar-se,  
E nas ondas, de Tétis entre os braços,  
Entregar-se de Amor aos doces laços.

ANTISTROPHE 5.<sup>a</sup>

O' Razão, onde habitas?.... na morada  
Do crime furiosa,  
Polidas, mas cruéis, paramentadas  
Com as roupas do vício; ou na ditosa  
Cabana virtuosa  
Do selvagem grosseiro?.... Dize.... aonde?  
Eu te chamo, o filósofo! responde.

EPODE 5.<sup>a</sup>

Qual o astro do dia,  
Que nas altas montanhas se demora,  
Depois que a luz brilhante e criadora,  
Nos vales já sombria,  
Apenas aparece; assim me prende  
O homem natural, e o Estro acende.

### STROPHE 6.<sup>a</sup>

De tresdobrado bronze tinha o peito  
Aquele ímpio tirano  
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,  
Do meu e teu o grito desumano  
Fez soar em sem dano;  
Tremeu a sossegada Natureza,  
Ao ver d'este mortal a louca empresa.

### ANTISTROPHE 6.<sup>a</sup>

Negros vapores pelo ar se viram  
Longo tempo cruzando,  
Tê que bramando mil trovões se ouviram  
As nuvens entre raios decepando,  
Do seio seu lançando  
Os cruéis Erros, e a torrente ímpia  
Dos Vícios, que combatem, noite e dia.

### EPODE 6.<sup>a</sup>

Cobriram-se as Virtudes  
Com as vestes da Noite: e o lindo canto  
Das Musas se trocou em triste pranto.  
E desde então só rudes  
Engenhos cantou o feliz malvado,  
Que nos roubou o primitivo estado.

## NOTA DO GENERAL STOCKLER.

Esta Ode onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais belas composições deste gênero escritas na língua Portuguesa, e talvez mesmo que em todas as línguas vivas, foi composta no ano de 1784, tendo o autor apenas vinte e um anos de idade, por ocasião de uma disputa que, em conversação amigável, casualmente se levantou entre mim e ele, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João Jacques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a ocasião que motivou a nossa pequena controvérsia. Para terminá-la convidei eu o meu amigo a seguir friamente os meus raciocínios na Analise daquele eloquente discurso, procurando fazer-lhe sentir a falta de logica, que em quase todo ele se observa, quando refletidamente se examina. Não era por certo fácil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analisar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão, é toda fogo, como quase todos os escritos que saíram da pena daquele homem extraordinário. Como quer que fosse, sempre conviemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria belo para se desenvolver em uma composição poética; e para que a nossa lembrança não ficasse inútil, ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia prometia eleva-lo ao primeiro lugar entre os poetas líricos Portugueses, compusesse uma Ode Pindárica, na qual expusesse com toda a pompa, e magnificência poética, o paradoxo de João Jacques Rousseau, em tanto que eu indicaria em uma Ode Horaciana a verdadeira origem, e as mais imediatas vantagens do estado social.